



Revista Encontros Baobá

PRÁXIS PSICOSSOCIAL DE SUPERAÇÃO¹ DO TRAUMA NO MASSACRE DE FELISBURGO

PSYCHOSOCIAL PRAXIS FOR OVERCOMING TRAUMA AT THE FELISBURGO MASSACRE

PRAXIS PSICOSOCIAL PARA SUPERAR EL TRAUMA EN LA MASACRE DE FELISBURGO

Fabiana de Andrade Campos²
Renata Bastos Ferreira Antipoff³

RESUMO

Este artigo aborda os aspectos teórico-metodológicos da pesquisa-intervenção realizada no acampamento Terra Prometida, localizado na cidade de Felisburgo (MG), onde ocorreu um massacre contra trabalhadores rurais sem-terra, no ano de 2004, que ficou conhecido como o Massacre de Felisburgo. Considerada uma práxis interventiva, teve como objetivo principal buscar subsídios no sentido de produzir uma terapêutica comunitária em casos de violência extrema e trauma psicossocial. Fundamenta-se nos postulados da Psicologia da Libertaçāo, da Psicologia Sócio-Histórica e apresenta-se uma contribuição específica da práxis formulada no decorrer da intervenção, que diz respeito à utilização da memória histórica (Martín-Baró) e da teoria dos afetos políticos (Sawaia). Assim, descrevemos e dialogamos sobre os pressupostos da Psicologia da Libertaçāo e da Psicologia Sócio-Histórica; relatamos nossa participação na construção de uma Psicologia voltada para a questão da terra e dos povos do campo; e apresentamos uma contribuição específica da práxis formulada no decorrer da intervenção,

¹ Agradecimento ao CNPq instituição que contribuiu com o financiamento da pesquisa.

² Doutora em Psicologia Social. Universidade do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte, Brasil. E-mail: fabiana.andrade.campos@gmail.com

³Doutora em Educação. Instituto Federal de Minas Gerais. Ouro Preto, Brasil. E-mail: renata.antipoff@ifmg.edu.br

que diz respeito à utilização da memória histórica e da teoria dos afetos políticos. Além disso, fica demonstrada a possibilidade de a Psicologia Social atuar nos níveis micro, meso e macrossociais. Para tanto, apresentamos um relato das intervenções e finalizamos com uma análise da avaliação dos sujeitos participantes em relação à pesquisa.

Palavras-chave: memória histórica; trauma psicossocial; intervenção psicossocial; práxis comunitária; afetos políticos.

ABSTRACT

This article addresses the theoretical and methodological aspects of the intervention research carried out at the Terra Prometida camp, located in the city of Felisburgo (MG), where a massacre of landless rural workers took place in 2004, which became known as the Felisburgo Massacre. Considered an interventionist praxis, its main objective was to seek subsidies in order to produce community therapy in cases of extreme violence and psychosocial trauma. It is based on the postulates of Liberation Psychology and Socio-Historical Psychology and presents a specific contribution to the praxis formulated during the intervention, which concerns the use of historical memory (Martín-Baró) and the theory of political affections (Sawaia). Thus, we describe and discuss the assumptions of Liberation Psychology and Socio-Historical Psychology; we report on our participation in the construction of a Psychology focused on the issue of land and rural peoples; and we present a specific contribution from the praxis formulated during the intervention, which concerns the use of historical memory and the theory of political affects. In addition, we demonstrate the possibility of Social Psychology acting at the micro, meso, and macrosocial levels. To this end, we present a report on the interventions and conclude with an analysis of the participating subjects' evaluation of the research.

Keywords: historical memory; psychosocial trauma; psychosocial intervention; community praxis; political affects.

RESUMEN

Este artículo aborda los aspectos teórico-metodológicos de la investigación-intervención realizada en el campamento Terra Prometida, ubicado en la ciudad de Felisburgo (MG), donde en 2004 se produjo una masacre contra trabajadores rurales sin tierra, conocida como la Masacre de Felisburgo. Considerada una praxis intervencionista, su objetivo principal era buscar recursos para desarrollar una terapia comunitaria en casos de violencia extrema y trauma psicosocial. Se basa en los postulados de la Psicología de la Liberación y la Psicología Socio-Histórica, y presenta una contribución específica de la praxis formulada durante la intervención, que se refiere al uso de la memoria histórica (Martín-Baró) y la teoría de los afectos políticos (Sawaia). Así, describimos y dialogamos sobre los supuestos de la Psicología de la Liberación y la Psicología Socio-Histórica; relatamos nuestra participación en la construcción de una Psicología orientada a la cuestión de la tierra y los pueblos del campo; y presentamos una contribución específica de la praxis formulada en el transcurso de la intervención, que se refiere al uso de la memoria histórica y la teoría de los afectos políticos. Además, se demuestra la posibilidad de que la Psicología Social actúe en los niveles micro,

meso y macrosociales. Para ello, presentamos un informe de las intervenciones y concluimos con un análisis de la evaluación de los sujetos participantes en relación con la investigación.

Palabras clave: memoria histórica; trauma psicosocial; intervención psicosocial; praxis comunitaria; afectos políticos.

INTRODUÇÃO

O Massacre de Felisburgo é mais um caso emblemático na luta pela terra no Brasil. Sem uma política decisiva em relação à questão agrária, o país vem colecionando massacres, chacinas, espacamentos, assassinatos e outras formas de violência extrema que buscam, sobretudo, expulsar e impedir a vida no campo. O projeto marcado pelo agronegócio estrutura esse cenário e as práticas abusivas o configuram.

No caso de Felisburgo, não foi diferente, após 02 anos de ocupação do território por cerca de 100 famílias organizadas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), o fazendeiro organizou um grupo de pistoleiros que invadiu a ocupação e assassinou 5 trabalhadores, ateou fogo em todo o acampamento, ferindo gravemente 13 pessoas e ameaçando de morte toda a comunidade.

No ano de 2006, a partir de uma demanda do MST, iniciou-se uma pesquisa-intervenção com a comunidade afetada. O trabalho foi realizado com periodicidade semestral, devido à distância entre os municípios. Foram criados: 1) espaços individuais e coletivos de reelaboração das vivências traumáticas; 2) devolução dos dados organizados; 3) espaços reflexivos sobre a vida comunitária após o evento; e 4) espaços reflexivos sobre projeção de futuro.

Os relatos configuraram trauma psicossocial, termo cunhado por Martín-Baró (1998) preocupado com os impactos que as ditaduras, os massacres e as torturas produzem nos sujeitos e na sociedade. Em nossa pesquisa, essa perspectiva é ampliada à luz da teoria dos afetos políticos a partir dos pensamentos de Sawaia, Vigotski e Espinosa.

Trauma psicossocial significa um conjunto de afecções sentimentais e psicopatológicas que traz consequências para a vida pessoal e coletiva em variadas dimensões. Martín-Baró sugere o termo para enfatizar o caráter essencialmente dialético dessa ferida que depende da experiência particular do indivíduo, da sua participação específica nesse acontecimento e de seu pertencimento a um grupo ou classe social. Para ele, devem ser considerados dois aspectos:

(a) a ferida que afeta as pessoas tem sido produzida socialmente, isto é, suas raízes não se encontram no indivíduo, mas na própria sociedade, e (b) a sua natureza é alimentada e mantida na relação entre o indivíduo e a sociedade, por meio de diversas mediações institucionais, grupais e inclusive individuais. O que tem consequências óbvias e importantes na hora de determinar o que se deve fazer para superar estes traumas. (Martín-Baró, 2000, p. 78). (tradução nossa)

Do conjunto destes afetos negativos encontrados na pesquisa destacamos: medo, humilhação, indignação, auto-culpabilização, culpa, ódio, raiva e vingança, alimentados pela injustiça e impunidade. Afetações corporais, tais como dores no corpo, desmaios, pesadelos e insônias, eram expressões cotidianas pouco tematizadas em profundidade. Os corpos baleados, com marcas do massacre, eram testemunhos encarnados da violência sofrida, porém não havia espaço de significação desse sofrimento. Foram registradas outras afecções como depressão, pressão alta, além de outras enfermidades. Relatos sobre alucinações visuais e auditivas dos companheiros mortos também estiveram presentes.

Ficou claro que as famílias se encontravam em situação traumática; não dormiam à noite, queixavam-se e temiam novos ataques: eles queriam justiça, a desapropriação total da terra e a continuidade do atendimento psicológico.

A esse conjunto de manifestações que denominamos trauma psicossocial foram somados processos de re-traumatização (Soto, 2007; 2010), tendo em vista a continuidade das ameaças e a demora por justiça. Esse diagnóstico foi realizado a partir de intervenções psicossociais na comunidade no período que data entre 2006 e 2015 e através do aprofundamento da análise dos dados, quando o trabalho foi finalizado.

Para o referencial teórico destacam-se: Ignacio Martín-Baró (1987), a partir de dois conceitos fundamentais, trauma psicossocial e memória histórica; e Bader Sawaia (1994/2006; 1999/2011; 2009), com a dimensão do sofrimento ético-político. Além disso, foram fundamentais os estudos sobre terapêutica coletiva, resgatados através de teóricos chilenos tal como Horacio Riquelme (1993). Essas referências trouxeram noções importantes que guiaram a intervenção e ressaltaram a importância do papel da Psicologia em casos de violência extrema e trauma psicossocial. Inicialmente, listamos duas:

1) trabalhar a dimensão sócio-histórica do evento, produzindo intervenções grupais no sentido de ampliar a compreensão e a consciência sobre as raízes históricas deste, a fim de possibilitar um reconhecimento coletivo do que sofreram; assim como de reverter os sentimentos negativos reproduzidos na comunidade.

2) possibilitar um espaço de reflexão sobre o sofrimento e as sequelas deixadas, para que as dores, os sintomas psicológicos e psicossociais pudessem ser melhor compreendidos e elaborados pela comunidade.

Memória histórica como categoria central da análise e intervenção no trauma

Memória histórica sintetiza a relação subjetividade e sociedade, e, em termos psicológicos, os nexos entre emoção, pensamento e ação. Essa concepção leva à busca de procedimentos que abordem a memória em sua totalidade, nas três dimensões em sua relação inter-subjetiva, sócio-política e documental. Martín-Baró destaca outra dimensão psicossocial da memória coletiva:

Somente à medida que as pessoas e grupos adquiram consciência sobre suas raízes históricas, sobre todos aqueles fatos e condições que têm configurado sua realidade, poderão situar-se numa perspectiva adequada para avaliar sua própria identidade. Saber quem se é supõe saber de onde se vem e de quem ou o do que se depende. Não há verdadeiro conhecimento de si mesmo que não seja um reconhecimento das próprias origens, da própria identidade comunitária, da própria história. Os povos latinos americanos necessitam de uma clara memória histórica para rastrear os dinamismos de sua história, para saber onde buscar as causas de sua opressão secular e de sua situação presente (Martín-Baró, 1987, p. 157).

Assim, começa o trabalho de reconstrução da memória coletiva e a produção de uma memória histórica, a partir da prática de recolhimento de narrativas e elaboração das vivências sobre o massacre e sua devolução, sob a forma de categorias e produções de debates. É preciso lembrar que a intervenção esteve voltada, desde o início, ao sofrimento ético-político, fruto da desigualdade social, que se configura em um conjunto de afecções tristes que bloqueiam as formas de pensar, sentir e agir. “compõem um processo psicológico-político poderoso à reprodução da desigualdade social” (Sawaia, 2009, p. 370).

Trabalhar a memória traumatizada por fortes afetos torna-se uma possibilidade de resgatar fatos passados como experiência emocional, que se cruza com a vivência do presente. No plano individual, a concepção de sofrimento ético-político exige que a intervenção sempre se volte para o coletivo. No plano comunitário, que ela se volte ao fortalecimento do sentimento do comum. No plano social, a ação esteve voltada a apoiar a luta pela reforma agrária e sua legitimidade social, bem como pela justiça em relação ao massacre.

Os caminhos da terapêutica comunitária

Todas as narrativas foram gravadas e transcritas textualmente, respeitando o modo próprio e singular de expressão da comunidade. Procedeu-se, então, com a organização do material. Foram selecionados trechos importantes, criando categorias iniciais para uma subdivisão do conteúdo, levando em consideração a importância e a generalização dos conteúdos expressos que demonstravam seu valor coletivo. Também foram consideradas as passagens individuais que expressavam as percepções singulares da vivência de cada um em relação à memória coletiva do massacre. Trabalhou-se na dimensão de criar sentidos compartilhados, isto é, criar significados coletivos para a comunidade, construindo a partir das narrativas uma memória coletiva.

Posteriormente⁴, realizou-se um trabalho de organização e devolução das narrativas com o objetivo de formar um reconhecimento coletivo dessas produções, e de fortalecer um sentido comum da dimensão histórica do massacre. O motivo do retorno era a intenção de continuar o projeto, dando desdobramentos à coleta inicial, no sentido de apoiar os processos de desenvolvimento da comunidade. Tendo em vista a construção de uma memória histórica do massacre, foi feita a devolução do material organizado em categorias iniciais. Nas reuniões dos núcleos, as trabalhadoras e os trabalhadores liam os conteúdos que eles próprios haviam fornecido. Houve grande comoção nessa etapa do trabalho e esse procedimento alcançou muitos resultados. Inicialmente, provocou-se o reconhecimento da importância de suas falas, mostrando que constituíam um material histórico; demonstrou-se a implicação com a pesquisa e a preocupação com a realidade deles, ao mesmo tempo em que se validava coletivamente as narrativas e seu conteúdo.

Assim, foram criadas 13 categorias subdivididas em relatos sobre: os danos psicológicos após o massacre; a ação dos pistoleiros no massacre; os companheiros mortos no massacre; a situação material das famílias após o massacre; a solidariedade e organização após o massacre; o trabalho explorado na época da fazenda; a decisão de ocupar a terra; apoio dos ex-acampados; o descaso de tratamento aos acampados; a necessidade de permanecer na luta; o Massacre; o preconceito da sociedade em relação ao MST; e o trabalho com as crianças. Segue alguns exemplos desses relatos:

Mas foi isso assim. Todo mundo que conta essa história, conta dessa maneira. É pra nós, é assim, pra mim, não acabou essa história, acho que não acaba. O armamento que eles vieram eram tipo de exército, só arma pesada. (Entrevistada A do MST)

Já chegou no acampamento e a segurança tinha falhado, não tinha ido lá pra cima, tinha ficado na porta do acampamento. E na porta do acampamento ficava só à noite,

⁴ A partir da 2ª visita contei com a participação de estudantes extensionistas.

Quando chegou pro seu Geraldo, uns já foi pra guarita e tomou do segurança o foguete e soltou, porque sabia que o foguete juntava o povo. Aí os que tava chegando da roça, do jeito que tava vindo da roça correu pra cá e os que tava na reunião que viu que era eles, não deu tempo também pra correr em casa. Parece que a única pessoa, se não me engano, que deu tempo entrar na casa foi (Senhor X), porque minha casa era encostadinho, na guarita e era pertinho. Quem tava dentro da casa saiu pra vê e aí quando saiu já encontrou, já ouviu os tiros e não deu tempo mais fugir, não deu tempo de fazer mais nada, nem se tivesse alguma coisa no acampamento, se queresse reagir, queresse resistir, não dava mais tempo, porque dizem, segundo, foi uma coisa muito rápida. (Entrevistada A do MST)

A comunidade passou a reconhecer o conteúdo como sendo uma construção coletiva da memória do massacre. Houve reconhecimento do sofrimento produzido, um processo de sensibilização e identificação coletiva a respeito do sofrimento. Essa técnica alcançou os objetivos de dar historicidade ao conteúdo e, ao mesmo tempo, promover o reconhecimento coletivo dos sofrimentos individuais e o compartilhamento dos sentidos singulares. Esse foi um momento importante para a construção da intervenção no nível meso social, o que neste trabalho significa a passagem das narrativas singulares para a construção de uma memória coletiva do massacre, e formas de superação do trauma e fortalecimento da luta pela terra.

A memória histórica é a memória de afetos e sentimentos, daí a ênfase na análise dos afetos e da repercussão deles no corpo e na mente. Assim, a intervenção teve duas propostas iniciais:

- 1) produzir o reconhecimento desse sofrimento em contraposição à sua negação, silenciamento ou banalização - ao fazer circular a palavra, produzindo reelaboração;
- 2) possibilitar a transformação dos afetos, diminuindo ou minimizando a produção de sintomas.

Em todas as visitas, conduziu-se os trabalhos em grupos, discussões sobre a situação do acampamento, a justiça, a superação do trauma e do sofrimento. A cada nova visita, pode-se perceber que os moradores melhoravam as condições de moradia e do acampamento. Os barracos aumentavam de tamanho, introduziam peças de madeira, construíam móveis e espaços comunitários.

Apesar de confirmarem que nunca se esqueceriam do massacre, eles agora tinham outra função em suas vidas, não mais de tristeza, ressentimento ou culpa, mas de força para a luta. A narrativa abaixo demonstra essa dimensão:

Daí eu insistir mais no Movimento Sem Terra e tá até hoje e espero continuar até o fim da minha vida. Porque ao invés de fazer com que o que aconteceu, isso que aconteceu, me deu mais força pra lutar e ver esses cara que fez isso na cadeia um dia, porque, o que eles fez com a gente.... (Entrevistado B do MST)

Ou seja, essa memória foi transformada em energia vital para o trabalho, a conquista da terra e o fortalecimento do coletivo de trabalhadores rurais. É lembrar para lutar e não mais esquecer para não sofrer. Isso se manifesta na mudança dos problemas que passam a prevalecer nas discussões, como as dificuldades cotidianas no trabalho comunitário.

Aí... todos... pra sair... não tem jeito de sair mais. Nós temos que ir à luta. Nós não podemos é parar. E trabalhar porque o que nós podemos ter é trabalho não tem alternativa, não tem condições de estar numa cidade, né? Não pode parar. (Entrevistado C do MST)

O trabalho da Psicologia possibilitava a formação de espaços reflexivos coletivos e individuais, o que fortalecia a compreensão e elaboração dos sentimentos paralisantes do massacre. A construção de espaços de reflexão e de trocas significativas permitia que os sentimentos antes mal compreendidos tivessem vazão. As narrativas sobre o sofrimento, desenvolvidas a partir da ótica da construção de uma memória histórica do massacre, validava o reconhecimento do sofrimento. Os afetos tristes/passivos, ao serem validados coletivamente e reconhecidos como comuns, tornavam-se a fonte da transformação afetiva na comunidade.

Os sentimentos tristes, ao serem refletidos e elaborados coletivamente, cediam lugar ao desejo por ações coletivas, que validavam e transformavam os afetos tristes em afetos alegres, potentes, de realização e transformação. A Psicologia contribuiu ao fornecer espaços de elaboração coletiva através da construção de uma memória histórica que conecta o passado com o futuro no presente. Os encontros com a comunidade forneceram espaços mediados para reflexão do vivido e planejamento do futuro, possibilitando o fortalecimento dos processos de resistência comunitária.

A avaliação da intervenção realizada

Nas últimas sessões, solicitou-se uma avaliação da intervenção psicossocial por parte da comunidade. Os resultados trouxeram elementos que representavam os efeitos da prática na coletividade, tais como: o reconhecimento do sofrimento coletivo, a melhora da confiança nas relações comunitárias e o fortalecimento das relações na comunidade. Ficou demonstrada a importância do trabalho psicossocial e a necessidade de apoio e de testemunho real do que aconteceu lá. As falas abaixo ilustram a importância de pesquisas testemunharem e reconhecerem este movimento de luta pela terra:

Foi bom você vim, né?! Que é bom os companheiros vim, que vai assuntando também aí, né?! Assim, tem visita pra vim, assim, pra ficar com nós, é uma benção, que vê como é o movimento aqui, a comunidade daqui como é que é e que nós somos todos irmãos a comunidade séria, e luta pela terra e luta pelo trabalho, e tocando a vida pela luta mesmo (Entrevistada D. do MST).

Outras falas demonstram a importância da atuação da Psicologia como instrumento para a elaboração do trauma e trocas coletivas, condições necessárias para a saída do isolamento e do sofrimento.

Porque hoje nessa altura do campeonato nós tá bem avançado já nessa luta, né, e o pior já passou. Ai eu fico triste, e a vinda de vocês aqui contribui pra poder mostrar pra nós, que nós não estamos sofrendo sozinhos, que além de nós tem pessoas lá fora que tão sofrendo com nós e tão interessado que nosso sonho seja conquistado. [...] E que vocês vem pra cá contribuindo com nós, porque é bom e é muito bom pra nós. E que nós não desiste, né, que nós vem conversar e trocar ideia porque nós vai esquecendo do ruim que passou e só lembrando do bom. Obrigada. (Entrevistada E. do MST)

Eu acho que esse trabalho seu é importante pra nós aqui, porque às vezes, muitas vezes, tem gente que fica angustiado. Assim, porque todo mundo participou aqui; aí fica assim, com aquela coisa na cabeça, assim. A gente tá conversando com a pessoa prá cá soltando aquilo eu acho que é bom, né?! Às vezes eu, é... danos psicológicos que fala. Às vezes tem gente que aí que dorme, deita pra dormir e não consegue dormir, pensando no massacre. Assim, aquele sentimento ruim. Então eu acho que sua visita aqui seria bom mais pra a gente tá se desabafando um pouco, né?! Quanto mais vier aqui, prá nós, é muito prazer que nós têm, viu?! Muito prazer, que aí a gente já vai tomando mais conhecimento e desabafando mais algumas coisa que tem que desabafar, né?! E quanto mais vim, cê vim pra cá, aqui, tendo mais... tipo dá confiança... mais uma coisa com a gente, né!?” (Entrevistado F. do MST).

Então depois desse trabalho que tá fazendo com o pessoal aqui, nem todos, né, mas a maior parte que se abriu com ela, que se dispôs a falar o que sentiu, já tá pelo menos conseguindo dormir bem, trabalhar tranquilo. Não tão tranquilo assim, porque isso é uma coisa que ninguém se esquece, né?! Mas pelo menos tá assim, trabalhando tranquilo, alimentando melhor, dormindo bem. Esse trabalho que fez aqui tá sendo uma coisa boa pro acampamento, eu acho que com o passar do tempo a companheirada vai sentir mais melhor ainda, se continuar esse trabalho, né. Tá sendo uma coisa muito boa assim pro acampamento, né?! E todos os movimentos, né?! (Entrevistado G. do MST)

Também reconhecem uma melhora afetiva devido à atuação psicológica. Nos encontros grupais, ampliaram as formas de expressão dos sentimentos traumáticos, expandiram a fala e ampliaram as narrativas. Os relatos abaixo exemplificam essa afirmativa.

Ô gente, eu não vou falar muita coisa não. Só vou dizer, né, que pra nós é um prazer, vocês tá vindo aqui. Tomara que viesse mais vezes, né?! Que ficasse não uma semana, mas um mês. Esse trabalho que vocês tão fazendo aqui, pra nós, é muito importante sim. As pessoas agora já fala mais, não tá falando igual antes. Você lembra das primeiras vezes que vocês chegaram aqui, tinha gente que nem falava nada, portanto que foi por desenho, né?! Agora as pessoas já tem mais expressão pra poder falar. Não tá bem também, mas não tá muito mal. Então assim mesmo vamos tocando aí. (Entrevistada H. do MST)

É muito importante, né?! Que Deus abençoe que sempre, sempre, vocês vem dá um apoio pra nós, né. Que quanto mais vier, mais nós estamos recebendo. Nós sempre tamo aqui de porta aberta esperando vocês chegar novamente. (Entrevistado I. do MST)

Assim que vocês vêm, alegra nós, nós sente mais confortável com o trabalho seus, com todo amor que sente por nós também. E tamo aí nessa luta, nessa caminhada, sempre esperando que vem esse futuro ainda na vida, né?! (Entrevistado J. do MST)

Eu também gostei muito, que eu desabafei o que tava dentro de mim. Agora eu sinto assim, não muito bom, porque a gente não esquece muito o que aconteceu, mas tô sentindo melhor. (Entrevistada L. do MST)

Outras falas apontam para a complexidade da temática psicológica e reafirmam a importância deste trabalho.

Mas é um trabalho que poucas pessoas enxergam, por ser um trabalho, eu falo assim, que é um pouco abstrato. Às vezes a gente fala, desaba e tudo, mas as pessoas não conseguem enxergar como que é feito o trabalho deles. Mas aí a gente vai olhando, vai reparando. Quando começou a fazer...Aquele lado de conversar, fazer primeiro uma assembleia, depois o trabalho nos núcleos, e depois partiu pros desenhos. É, eu fiquei analisando, olhando alguns desenhos na hora que o pessoal tava falando o que que tava sentindo, e eu achei que, não sei nem como explicar direito, a pessoa mostrar o que que tá sentindo através de um desenho. [...] Eu começava a falar aqui e já ficava emocionado, já ficava nervoso com o que aconteceu. Depois de um certo tempo eu já consigo falar um pouco mais. Muitas pessoas aqui já consegue falar, já consegue se expor, então a gente vai percebendo como é que está andando o trabalho. [...] Porque eu, no meu interior, eu sei. Eu sei, tenho consciência disso, sei que é um trabalho que são poucas pessoas que enfrentam fazer esse trabalho, é um trabalho muito rico pra nós. (Entrevistada M. do MST)

Por fim, destacamos uma fala que reconhece o papel da Psicologia em ajudar na confirmação da verdade dos acontecimentos, o que, para eles, significa encorajamento e reconhecimento legítimo do movimento pelo trabalho e pela dignidade.

Porque o que aconteceu ele pode achar que pode acontecer de novo, né!? Não é mesmo!? Então, pois é! Então muito obrigado, por ter, por essa parte. A gente, eu sei que você vai fazer o trabalho melhor por nós lá na frente, dá mais uma força, né!? E ai a gente sempre. O céis que vem aqui pra nós... É buscar sempre e confirmar a verdade, prá chegar lá na frente e mostrar, né!? Esse trabalho, né!? O que que tá acontecendo, né??" (Entrevistado N. do MST).

CONSIDERAÇÕES

As intervenções psicossociais em contextos de violência, ou mesmo em outras circunstâncias sociais desumanizantes, devem ter como foco: redimensionar os sentimentos produzidos pela situação traumática, transformar afetos tristes em alegres, como a culpabilização em orgulho, o fatalismo em resistência e a melancolia/depressão em vontade de viver. Devem também produzir pensamentos, projeções de futuro, emoções e ações que modifiquem a fossilização do trauma, a partir do trabalho de compreensão, elaboração, transformação e superação, com base na potência da ação coletiva. Tornou-se clara a

importância de valorizar como cada um viveu, sentiu e sofreu, e de retomar esses sentimentos em uma perspectiva de compreensão coletiva, pois cada um carrega um sentido próprio do significado coletivo do massacre, evitando a massificação das singularidades. Porém, como fato político, com definições e estratégias que afetam diretamente o futuro do coletivo, o massacre deve ser colocado em debate, questionado, problematizado – essa foi a perspectiva terapêutica mais importante, que possibilitou a reconstrução, ampliação e transformação dos sentidos e afetos individuais para uma construção de significados mais ampliados e compartilhados, e das formas de enfrentamento coletivo dos sofrimentos individuais.

Não sofrer solitariamente na escuridão da noite. Produzir coletivamente a superação do sofrimento, a partir da construção de uma narrativa socioafetiva, seria uma primeira fórmula do nosso trabalho: produzir uma força coletiva de transformação dos afetos, a partir dos vários pontos de vista sobre o massacre, que se compõem para formar uma memória histórica da coletividade. Nesse refazer, os pontos de vista são evocados, as dúvidas esclarecidas, as múltiplas elaborações são provocadas, as catarses acontecem e os sentimentos podem ser transformados.

A partir da construção de um lastro comunitário, reconstituído pelas lembranças individuais e grupais, passamos a afirmar um valor coletivo e histórico para o fato ocorrido. Daí a importância da rememoração coletiva, tanto para a criação de novos sentidos individuais em relação ao terrível acontecimento e suas nefastas produções subjetivas, quanto para a possibilidade permanente de desfazer e desconstruir afetos negativos, que se voltam contra os próprios trabalhadores, tais como autoculpabilização, arrependimento de ter entrado para a luta, quebra das relações de confiança comunitárias, e outros afetos, como tristeza, raiva e ódio. Nesse processo, o papel da Psicologia ganha destaque ao se oferecer, por meio da escuta, como instrumento para a elaboração dos traumas e para a criação de novas narrativas. Além disso, assume seu papel social ao legitimar e reconhecer a importância desta luta para a emancipação humana.

REFERÊNCIAS

BARUCH, Espinosa. (1677/2013). *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica.

MARTÍN-BARÓ, I. (1990/2000). *Psicología social de la guerra - selección e introducción de Ignacio Martín-Baró*. UCA.

MARTÍN-BARÓ, I. (1987). El latino indolente: carácter ideológico del fatalismo latinoamericano. In M. MONTERO (Coord.), **Psicología Política Latinoamericana**, 135-162. Panapo.

RIQUELME, H. (1993). **Era de névoas: Direitos humanos, terrorismo de Estado e saúde psicossocial na América Latina**. EDUC.

SAWAIA, B. (1999/2011). **As artimanhas da exclusão - análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Vozes.

SAWAIA, B. (1994/2006). Dimensão ético-afetiva do adoecer da classe trabalhadora. In: Lane, S. T. M., & Sawaia, B. **Novas veredas da Psicologia Social**. EDUC; Brasiliense. 157-168

SAWAIA, B. (2009). Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. **Psicol. Soc.**, 21(3), 364-372.

SOTO, A. E. **The body as a site of resistance and enactment of collective memories and trauma: an exploratory study in Chile**. Dissertation. (Doctor of philosophy). The faculty of graduate studies, University of british Columbia. 2007.

SOTO, A. E. La transmisióntransgeneracional del trauma: Uma experiencia encarnada. En Aceituno, R. (comp.) **Espacios de tiempo. Clínica de lo traumático y procesos de simbolización** (pp. 125-146). Santiago, Chile: ColecciónPraxis Psicológica, Universidad de Chile, 2010.

VIGOTSKI, L. S. (1996/2004). **Teoria e método em Psicologia**. Martins Fontes.